

Escola Superior de Educação
Pós-graduação em Tecnologias da Informação e da Comunicação
Teorias e Modelos de Comunicação

Epistemologia da Comunicação

Docente: Pedro Pinto Machado

Discente: André Leite – nº 44709

“Design gráfico é a capacidade de criar algo enxuto a partir de várias considerações e da habilidade para retirar o excedente e filtrar o essencial, alcançando a satisfação quando consegue traduzir o desejo do cliente e atingir interacção completa com o receptor.”

Ikko Tanaka

Independentemente do método utilizado para comunicar, o objectivo do emissor será sempre o de transmitir a mensagem, para um ou vários receptores, com o máximo de eficácia possível. Como tal, é essencial que conheça princípios e teorias da comunicação para que fique familiarizado com os factores que podem influenciar a compreensão da sua mensagem.

Para se atingir um bom conhecimento que permita comunicar eficazmente, como em todas as áreas do saber, é necessário começar pelos seus princípios básicos. Passemos, então, à definição de alguns conceitos base.

Comunicação e Informação

Dois conceitos muitas vezes confundidos, as diferenças entre os dois conceitos podem variar entre as diversas escolas de autores. A forma de distinção mais simples é a que considera a informação como dados ou factos que são armazenados pelo ser humano e a comunicação como o processo pelo qual a informação é transmitida entre as diversas pessoas. Contudo, é possível aprofundar estas definições.

A informação é, normalmente, intemporal e não relacional. Intemporal visto que os dados e os factos são registados em suportes que os tornarão acessíveis durante, pelo menos, vários anos. Embora o seu armazenamento, por norma, torne a informação acessível a todos, esse pode ser um simples efeito secundário, podendo o objectivo de quem produz a informação ser, simplesmente, o de preservação da própria memória. Isto leva-nos à dimensão não relacional da informação. Embora seja, especialmente na sociedade actual, acessível a todos, a informação não pressupõe um feedback por parte dos seus receptores. Aliás, como foi já dito, o objectivo do “emissor” pode nem ser o de passar a sua mensagem a um “receptor”. Há mais uma característica que importa sublinhar. A informação não tem um carácter fixo. Isto é, aquilo que hoje é tido como verdadeiro pode-o não ser amanhã. Todos os factos e dados estão sujeitos a que estudos mais recentes possam alterar as conclusões anteriores. Um simples exemplo disto mesmo foi-nos dado, no século XVII, por Galileu, quando este astrónomo provou que a Terra se move em torno do Sol, contrariando a teoria Geocentrista que era defendida até à data.

A comunicação, por outro lado, é um acto 100% relacional, limitado ao tempo em que decorre e dependente de diversos factores que são inerentes ao próprio processo comunicativo e aos seus intervenientes. Durante o processo comunicativo pretendemos não criar informação (ou seja, registar dados ou factos), mas antes transmiti-la. Começando pelos factores inerentes à comunicação, para haver transmissão há alguns pré-requisitos indispensáveis: Pelo menos um emissor e um receptor, uma mensagem, um canal de transmissão e um código ao qual, normalmente, nos referimos como linguagem. Além do mais, é necessário que haja partilha de significação. Isto é, se não houver pontos em comum entre emissor e receptor, não se pode falar em comunicação visto que o segundo não poderá compreender o que é transmitido pelo primeiro. A existência de um feedback mostra a vertente relacional da comunicação. Mesmo que, numa comunicação oral, o receptor não comunique o seu feedback de forma verbal, a sua linguagem não-verbal, sempre presente, fará o trabalho que as palavras não fazem. Quanto ao seu limite temporal, a comunicação efectua-se no momento em que duas ou mais pessoas transmitem informação entre si. Mesmo que essa transmissão seja registada em algum suporte, este acto dará uma dupla vertente de comunicação e informação, sendo que só a vertente de informação perdurará no tempo. Finalmente, é de referir que a comunicação, mesmo que efectuada em perfeitas condições, será sempre de eficácia limitada devido aos seus intervenientes humanos. A atribuição de significação,

tanto do lado do emissor como do receptor, depende de quatro factores subjectivos: a percepção, a experiência, a expectativa e o envolvimento. Estes quatro factores, pelo seu carácter subjectivo, impedem que a comunicação seja completamente eficaz, visto que haverá sempre diferenças entre emissor e receptor no que a estes parâmetros diz respeito.

Em suma, podemos dizer que a informação remete para a quantidade enquanto que a comunicação remete para a qualidade.

Redundância

A redundância existe sempre que, nas construções frásicas, uma informação é apresentada mais vezes do que o necessário para que o receptor perceba a transmissão. Este é um mecanismo que aumenta a quantidade de informação presente na comunicação, usando informação “inútil”, mas ajudando à compreensão do que se pretende transmitir. Pode dizer-se que uma mensagem redundante é uma mensagem previsível e com informação de reduzida qualidade. Não quer isto dizer que a informação em si seja fraca, pouco fiável ou falsa, quer dizer que a mensagem pode ter apenas uma informação que pela sua repetição dá a sensação de que existem várias informações diferentes.

A utilização de redundâncias pode ser especialmente útil se estamos perante um canal com um grau de ruído (um conceito que será, mais tarde, tratado) elevado. Usando o contexto militar como exemplo, nas operações com várias equipas é habitual que se utilizem, para os diferentes grupos, nomes como equipa alpha, equipa charlie ou equipa zulu. Na realidade, estes nomes não querem mais dizer do que equipa a, equipa c e equipa z. Contudo, a logística militar tem sempre presente a necessidade de uma excelente comunicação para se evitarem erros e perdas. Tem, também, presente a possibilidade do canal de comunicação ser “invadido” por ruído. Desta forma, a utilização de palavras em vez de letras para comunicar com as suas equipas (e não só) dá uma dupla hipótese de a mensagem ser compreendida: por um lado, a letra inicial que distingue, verdadeiramente, as equipas e, por outro, a palavra que permitirá aos receptores deduzir qual a “letra” que acabou de ser alvo de comunicação.

Entropia

A entropia opõe-se à redundância. Ou seja, se no caso da redundância cada informação é reforçada pela sua repetição, no caso da entropia cada informação diferente está no seu ponto de fraqueza máximo visto não haver nenhum reforço. Imaginemos o caso, muito actual, das codificações digitais. No seu estado puro, uma informação armazenada no computador ocuparia muito mais espaço no disco duro do que o que ocupa no estado codificado. No entanto, especialmente no caso do áudio, o ser humano não se costuma aperceber disso. Isto acontece porque o primeiro passo que os informáticos deram no sentido de reduzir os bits gastos por cada ficheiro audiovisual foi o de eliminar informação de que nós não nos apercebemos. Um som numa frequência imperceptível ao nosso ouvido, uma diferença de cor tão reduzida que apenas o computador nos saberá dizer que existe. Desta forma, utilizando processos de entropia, consegue-se reduzir o tamanho de ficheiros sem que estes percam, tanto quanto nós conseguimos perceber, qualidade. Contudo, na realidade, a qualidade perde-se. Mais ainda, embora em níveis de compressão óptimos não nos seja possível perceber que falta informação num ficheiro, podemos exigir dos computadores níveis de compressão mais

elevados do que a codificação permite. Para acompanharem os nossos pedidos, os computadores cortarão cada vez mais repetições de informação, reduzirão a redundâncias a níveis progressivamente mais baixos e, em última instância, quando a redundância for igual a zero e a entropia estiver no seu ponto mais elevado, ser-nos-à quase impossível compreender a mensagem que nos está a ser transmitida.

Um exemplo mais simples será o de uma comunicação verbal escrita em que o emissor utilize apenas iniciais ou as três primeiras letras de cada palavra. A entropia será tão elevada que se tornará quase impossível perceber a mensagem. Inúmeras palavras começam pelas mesmas letras, várias palavras têm as mesmas letras iniciais. Mais ainda, não nos será possível ter a certeza se determinantes ou preposições estão a ser utilizados. Aliás, só a ausência destes dois grupos morfológicos da nossa gramática seria já de si suficiente para dificultar a nossa percepção de uma mensagem. “O Zé e o Jorge vão até à praia” é muito mais facilmente lido do que “Zé e Jorge vão praia”.

Ruído

O já mencionado ruído corresponde ao ruído que existe num canal de comunicação. Embora as gerações mais antigas estejam mais habituadas ao exemplo do telefone de discar e aos rádios caseiros, nas gerações mais jovens será mais fácil falar do ruído do telemóvel quando se tem pouca rede ou do auto rádio no estacionamento subterrâneo do centro comercial onde tanto vamos ao cinema. Por vezes, este ruído não é mais do que um barulhinho de fundo que nos obriga a prestar mais atenção, outras vezes este ruído traduz-se em constantes quebras de áudio que, embora momentâneas, se juntam para tornar impossível perceber qual a mensagem que nos chega aos ouvidos. Podemos ainda falar de um caso que se tornou possível graças à Internet. Quando tentamos visualizar uma página e ela nos aparece desordenada e sem qualquer tipo de formatação, estamos na presença de ruído no canal de comunicação.

O ruído é, portanto, toda a interferência, especialmente no canal de transmissão, que impeça a mensagem de ser recebida ou percebida em condições ideais à sua compreensão.

Referências Bibliográficas

FREIXO, Manuel J. Vaz - Teorias e Modelos de Comunicação, Lisboa: Instituto Piaget, 2006.